

TERMINOLOGIA: A DISCIPLINA DA NOVA ERA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE LÍNGUA DE SINAIS

Terminology: the new era subject in sign language professional training

Enilde Faulstich¹

RESUMO

Neste artigo, que visa a demonstrar o lugar da Terminologia no léxico especializado, a autora opta por demonstrar, de início, como se dá a presença da disciplina na formação de docentes, na Universidade de Brasília-UnB. Para isso, descreve o panorama em que se instaura a Língua de Sinais Brasileira-LSB como curso de licenciatura, ao lado do Português, na modalidade escrita. Atenta, ainda, para o fato de que a formação de professores e de pesquisadores em Língua de Sinais Brasileira, na última década, está assegurada, no Brasil, por leis federais que articulam ensino, pesquisa e extensão. No decorrer da discussão, acentua a nuclearização da Terminologia com presença constante nos estudos do léxico, porque a criação de termos validados é ponto de partida para a inovação de linguagens. Nesse percurso, equaciona lexema e

ABSTRACT

In this article, which aims to demonstrate the place of Terminology in the specialized lexicon, the author chooses to demonstrate, at the beginning, the presence of this subject in teacher training at the University of Brasília-UnB. In order to do so, the scenario in which the Brazilian Sign Language (LSB) is set as a licentiate degree along with Portuguese Language in written form is described. Attention is also given to the fact that, in the last decade, the training of teachers and researchers in Brazilian Sign Language is ensured in Brazil by federal laws that articulate teaching, research and extension. In the course of the discussion, the author emphasizes the

¹ Universidade de Brasília – UnB, Brasília – DF, Brasil; enildef@uol.com.br.

termo; sinal e sinal-termo. Justifica os trabalhos terminológicos como princípios pedagógicos da ordem da Linguística e lista teses, dissertações, monografias e projetos PIBIC, produção de repertórios em que terminologias científicas e técnicas são elaboradas no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos da UnB.

nuclearization of Terminology as a constant presence in lexical studies, as the creation of validated terms is the starting point for language innovation. In this context, she equates lexeme and term; sign and sign-term. The terminological works are also justified as pedagogical principles of Linguistics and also lists theses, dissertations, monographs and PIBIC projects and production of repertoires in which scientific and technical terminologies are elaborated in the Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos of Unb (Center of Lexical and Terminological Studies).

PALAVRAS-CHAVE

Terminologia; Léxico; Formação docente; Sinal; Sinal-termo.

KEYWORDS

Terminology; Lexicon; Teaching instruction; Sign; Sign-term.

Introdução

A formação de professores e pesquisadores em Língua de Sinais Brasileira, na última década no Brasil, está assegurada por leis federais que possibilitam a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, o que favorece a sedimentação de conhecimentos de nível superior a indivíduos surdos e não surdos que se dedicam ao ensino especializado.

Consideramos que a identidade de um curso de formação deve estar alinhada à identidade da instituição criadora, como um todo. Nesses termos, qualquer curso ou atividade deve se sustentar em projetos pedagógicos e em planejamentos sustentáveis, com objetivos educacionais, profissionais, sociais, culturais e rumos certos para um curso consistente que considere, na terminalidade, o perfil de egressos. Projetos pedagógicos são, normalmente, da ordem das políticas públicas, que asseguram os procedimentos que fundamentam a criação de cursos, sem tolher a liberdade das instituições. Nesse processo, as universidades brasileiras

desenvolvem ações como forma de intervir, de modo positivo, na realidade social, linguística e educacional em favor da educação linguística de surdos.

Desde 2006, quando a Universidade de Brasília, a convite da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, abrigou o curso de licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância, nosso interesse pela educação linguística de surdos se ampliou, visto que já vínhamos participando de reuniões ministeriais que pretendiam fundar cursos de nível superior para indivíduos surdos, independentemente do grau de perda auditiva ou de surdez. De algum tempo, já estávamos alertados para estudantes com perdas de audição aferidas por audiograma². Esse gráfico registra a diferença entre deficiência auditiva, determinada pela perda bilateral, parcial ou total de 41 dB e surdez cuja perda auditiva está acima de 71 dB, nas frequências de 500 Hz, 1.000 Hz, 2.000 Hz e 3.000 Hz. Na UnB, a receptividade a estudantes surdos se fez de maneira natural. A Universidade, vocacionada desde o Projeto Político Pedagógico Institucional – PPPI –, preconiza, entre outras orientações, o compromisso público com a missão institucional, que é a de “ser uma instituição inovadora, comprometida com a excelência acadêmica, científica e tecnológica, formando cidadãos conscientes do seu papel transformador na sociedade, respeitadas a ética e a valorização de identidades e culturas com responsabilidade social”, como previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI-UnB”.

Com essa sustentação, criamos e implantamos, no Curso de Letras da UnB, a Licenciatura em Português do Brasil como Segunda Língua – PBSL, que, há 20 anos, forma professores para o ensino do Português L2 para falantes de outras línguas, no território brasileiro, como índios, surdos e estrangeiros. Essa novidade reverberou no Ministério da Educação do Brasil – MEC e logo fomos convidados a implantar cursos de formação de professores para indivíduos surdos ou com deficiência auditiva, que têm o português, na modalidade escrita, como segunda língua, em vista de a maioria ter a Língua de Sinais Brasileira – LSB ou Libras – como língua primeira. Não bastava, contudo, somente abrir um curso de português como L2 para surdos, a responsabilidade institucional nos conduzia para um alargamento da visão social e linguística, em que fosse contemplada também a LSB. Para isso, elaboramos um amplo projeto

² Gráfico representativo da variação do limiar de audibilidade, em função da frequência das ondas sonoras recebidas pelo aparelho auditivo (Houaiss, 2009).

que levasse em conta, em primeiro plano, a difusão da Libras, como disciplina optativa nos diversos cursos da UnB, com aulas ministradas por professores surdos, conhecedores da estrutura da língua e dos métodos de ensino para surdos e não surdos. Foi o que fizemos, em 2007–2008, durante dois períodos de curso de verão, na categoria de extensão, com turmas plenas, nos turnos de manhã e tarde. Os professores – todos surdos – eram os que estavam em formação no Curso de Letras/Libras da UFSC, no polo da UnB. A atividade de extensão estabeleceu, então, a motivação para os próximos passos.

1. A vocação do ensino bilíngue para surdos no LIP/IL/UnB

Com os princípios da Linguística e os fundamentos metodológicos de uma Pedagogia moderna, bem como com a consistência de políticas linguísticas determinadas para os fins específicos, projetamos, no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP –, uma sequência coordenada de cursos, que viessem a oferecer as melhores condições de ensino e de aprendizagem a estudantes surdos. Nessa sequência, a primeira ação foi o curso de extensão de 60h acima informado. Em seguida, abrimos vagas para o curso de pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL – no nível de mestrado para surdos e não surdos, com vistas a aperfeiçoar os conhecimentos de profissionais que já tivessem concluído a graduação; logo depois, com demanda que requeria seleção especializada, criamos editais exclusivos, com vagas para mestrado e doutorado para surdos. A motivação principal foi a necessidade de ampliar, no espaço acadêmico, os conhecimentos do léxico da LSB para desenvolver vocabulários que viessem a preencher lacunas, respeitantes a conceitos científicos e técnicos, por meio da destreza que a Linguística detém; desse modo, diminuiríamos o uso do português sinalizado, que predominava nas aulas, e ampliaríamos o ‘dicionário’ da LSB. Abrimos, então, essa formação no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB.

Porém, com a decisão de criar e implantar o curso de Graduação em LSB-PSL, antecipamos uma formação de docentes para a base escolar, com um curso de especialização, em formação *stricto sensu*, para o fortalecimento pós-graduado de professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, por meio de um curso de especialização, como veremos a seguir.

1.1. O Curso de Especialização

O curso de especialização *Ensino da Língua Portuguesa como Segunda Língua para estudantes surdos e com deficiência auditiva* foi estruturado para prover especialização para professores da rede pública de ensino, com vistas ao aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa daqueles docentes que ministram aulas para surdos e deficientes auditivos. A especialização foi organizada em 6 disciplinas, com 60h de aula presencial para cada uma, mais 60h previstas para elaboração na monografia, como trabalho de conclusão do curso. No total, o curso forneceu uma formação completa de 420h. As disciplinas que compuseram o curso foram: 1. Políticas educativas e educacionais. Políticas das identidades surdas; 2. Morfossintaxe do português como L2; 3. Estudos do léxico: da morfologia lexical à produção lexicográfica e terminográfica; 4. Análise contrastiva de estruturas gramaticais em textos: PSL–LSB; 5. Metodologia de ensino do português escrito como L2; 6. Laboratório de ensino de português escrito como L2 para surdos; Elaboração de trabalho de conclusão de curso. A especialização presencial teve início em 2014, com duração de 1 ano e 6 meses, aulas aos sábados, nos turnos da manhã e da tarde, com carga de 8h de aulas e de atividades assistivas afins.

Esse curso foi criado no LIP/UnB com o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI/MEC –, que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino voltados à valorização das diferenças e da diversidade, à promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade socioambiental, visando à efetivação de políticas públicas transversais e intersetoriais.

1.2 A Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua/LSB-PSL

O Curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua/LSB-PSL foi criado na Universidade de Brasília por meio do Ofício Circular nº 05/2012 – GAB/SESu/MEC, de 14 de junho de 2012, tendo como ponto de partida o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite. Em 20 de novembro de 2014, a Universidade de Brasília tornou público o edital para a realização do primeiro vestibular da Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como

Segunda Língua, determinado pelo Decanato de Ensino de Graduação-DEG e executado pelo Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), anteriormente denominado Cespe; desde então, aplica-se um vestibular por ano, com entrada para o primeiro semestre do ano subsequente. O curso presencial terá, no final do ano de 2018, a primeira turma formada. A Licenciatura, em nível de graduação, segue a orientação dos cursos da UnB na relação de cursar 70% de disciplinas obrigatórias, 30% de disciplinas optativas e disciplinas de módulo livre, com 8 créditos no mínimo e 24 créditos como máximo. A duração é de 4 anos, com 3.210h, em que estão contidas todas as horas de ensino, de pesquisa e de extensão; também estão contabilizadas as horas de trabalho final de curso – TCC – e as atividades complementares.

O projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL) é diferente do projeto pedagógico da Licenciatura em Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL)³. O PBSL tem por vocação o ensino e a pesquisa, com vistas a desenvolver materiais didáticos que contemplem o ensino do português a falantes de outras línguas. Nesse panorama, o PBSL ganhou relevância no cenário nacional, primordialmente entre professores que ensinavam a Língua Portuguesa para os que tinham outras primeiras línguas. Em vista do reconhecimento de que há, no país, comunidades ou grupos linguísticos que falam outras línguas naturais como primeira (L1) e de que, por isso, há forte carência na produção escrita da língua da maioria nacional, o Português, o LIP/PBSL passa a desenvolver estudos teóricos e empíricos em português como segunda língua (PSL) para fortalecer a formação de licenciandos que se interessam por essa modalidade de ensino. A finalidade dos estudos sempre foi a de ampliar conhecimento em primeiras e segundas línguas (L1 e L2). A consolidação do conhecimento no ensino e na aprendizagem de L1 e L2 tem promovido a produção de tecnologias de linguagem – como vocabulários, glossários, dicionários, entre outros repertórios – que contemplam, satisfatoriamente, o ensino, a pesquisa e a extensão. Nesse contexto, insere-se a formação de professores surdos e não surdos para o ensino bilíngue de Língua de Sinais Brasileira (L1)-Língua Portuguesa na modalidade escrita (L2).

³ A criação da Licenciatura em Português do Brasil como Segunda Língua – PBSL é anterior à criação do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português com Segunda Língua – LSB-PSL.

Os termos regulamentares, que reforçam a formação bilíngue como ponto de partida na UnB para o novo curso de graduação, têm respaldo do censo escolar de 2016, cujos números “registram que o Brasil possui, na educação básica, 21.987 estudantes surdos, 32.121 com deficiência auditiva e 328 alunos com surdocegueira. Dentro do princípio da inclusão como preceito do sistema educacional brasileiro, o MEC trabalha para garantir uma série de recursos que contemplem essa parcela da população”.⁴ É sabido que o bilinguismo dos surdos possui algumas especificidades, a começar pela natureza das duas línguas: a Libras, que, do ponto de vista da lei, é a L1, e o português, a L2; a primeira é de modalidade visual-espacial e a segunda é de modalidade oral e escrita. Essas diferenças exigem atenção à gramática e ao léxico das duas línguas, assim como abordagens, métodos e técnicas de ensino voltados para o público alvo.

Nesse quadro de avanços e desafios, o LIP instaurou um processo de política linguística, por compreender que a implantação de uma língua em sociedades com diversidade linguística deve ser gerenciada de acordo com as condições sociais, políticas e econômicas da comunidade receptora. Essa percepção remete a um ponto de vista de autocrítica, no sentido de creditar à formulação conjunta de programas específicos para usuários distintos a confiança de que conhecer o perfil da comunidade, é, antes de tudo, respeitar as diferenças.

2. A Terminologia no léxico como ponto de partida para a inovação de linguagens: lexema e termo; sinal e sinal-termo

No panorama mundial do século XXI, a ampliação lexical se dá a cada momento, mediante a constante inovação tecnológica, que constitui, de fato, linguagens de especialidade. Essas precisam ser reconhecidas e entendidas para serem usadas. As linguagens de especialidade chegam ao português pela via da língua criadora, quase sempre o inglês, entendido como berço dessas criações. Por outro lado, para que sejam compreendidas pelos surdos e surdocegos, que estão na formação docente, as inovações, provenientes de outras línguas, normalmente passam pelo português. Há aí um jogo de conceituação, tradução, compreensão e interpretação para que seja atingido o alvo da aprendizagem. Nesse exercício complexo de línguas e de linguagens, somente ‘inventar’ um sinal não basta. Nossa

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/56981-ensino-de-libras-e-recurso-que-garante-a-educacao-inclusiva>. Acesso em: 7 jun. 2018

longa jornada, no ensino da disciplina Terminologia, já demonstrou que construir um termo é mais, ou igualmente, tão complexo quanto criar uma palavra nova. Toda criação lexical conduz o criador a compreender os morfemas lexicais e gramaticais para chegar às palavras da língua que são a entrada da Morfologia para a formação de palavras, conforme Di Sciullo & Williams, citado por Lobato (2010, p. 44), ao demonstrar o que para os autores é *léxico provedor*. Nessa concepção, os morfemas alimentam a formação de palavras novas, passando pelos efeitos da morfologia. Assim sendo, nas línguas de sinais, toda criação lexical – seja lexema, seja termo – tem como base a configuração morfológica e, também, fonológica da língua que lhe serve de suporte, a fim de evitar a transcrição grosseira que venha a permanecer fora do escopo linguístico da língua criadora ou da recebedora.

Lexema é uma unidade de base lexical, com significado, também chamada de *palavra*. Os lexemas compõem, em grande parte, as palavras-entradas dos dicionários da língua comum. *Térmo* é palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula, que designam os conceitos de áreas específicas do conhecimento. Também é chamada *unidade terminológica*; no entanto, quando a unidade terminológica é formada por uma combinação entre termos, segundo regras de lexicalização, para formar um conceito coeso com um só significado, é chamada de *unidade terminológica complexa* – etc, uma vez que o todo possibilita a elaboração da definição. Os *termos* são unidades lexicais que aparecem em obras que apresentam vocabulário de áreas do conhecimento especializado; normalmente, os termos são criados para satisfazer a nomeação do ‘estado de coisas’ de áreas específicas do saber. Uma linguagem de especialidade se distingue de outra pela alta frequência de termos científicos ou técnicos que constituem o discurso de autores na explicitação de conceitos.

No paralelo com lexema está *sinal*. Assim, os *sinais* formam um sistema de relações padronizadas que constituem de modo organizado as línguas de sinais. São também as propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Em uma relação língua visual e língua oral consideramos que *sinal* está para a língua visual espacial na mesma dimensão semântica em que lexema está para as línguas orais. Com esse entendimento, criamos a expressão *sinal-termo* para, nas áreas específicas do conhecimento⁵, estabelecer uma relação conceitual entre

⁵ Nota: A expressão *sinal-termo* foi criada por Faulstich, em 2012 e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, intitulada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras* (2012).

conteúdos semânticos de linguagens especializadas. Desse modo, *senal-termo* é entendido como termo exclusivo de línguas de sinais para representar, em discurso especializado, conceitos com características próprias de classe de objetos, de relações de significado ou de entidades que recebem denominações fora da linguagem comum. Para representar conceitos, o sinal-termo pode apresentar-se como palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. Normalmente, o sinal-termo ou é adaptado de conceitos da área das ciências ou de áreas da tecnologia, pelas vias do português ou de uma língua estrangeira, para preencher lacunas lexicais nas línguas de sinais. Uma das vantagens do sinal-termo é a precisão conceitual, que diminui a ambiguidade de sinais e a homonímia entre sinais.

A proporcionalidade conceitual entre esses termos linguísticos está demonstrada no esquema que segue: *lexema* : *senal* :: *termo* : *senal-termo*; a leitura desse esquema é: *lexema* está para *senal*, na língua comum, assim como *termo* está para *senal-termo*, no discurso de especialidade. Nesse esquema, representado por uma quarta proporcional, outra leitura pode ser feita: *lexema* equivale [representado pelos dois pontos [:]] a *senal*, assim como [representado pelos quatro pontos [::]] *termo* equivale a *senal-termo*. Concluímos essa descrição com a justificativa de que a criação de um sinal-termo não se faz de modo aleatório, mas é fundamentada em princípios lógicos em que *senal* e *senal-termo* estão numa relação conceitual, pois “o mundo é, ao mesmo tempo, um fluxo constante e uma permanência”, no dizer de Hardy-Valée (2013, p. 43)

Nas pesquisas em que a Terminologia é objeto central no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm da Universidade de Brasília, UnB, as reflexões linguísticas, com vistas à inovação das linguagens e das tecnologias, são constantes e reveladoras de que todas as línguas têm fundamentos estruturais possíveis de serem harmonizados. Com esse propósito, Faulstich (2016) considera que “harmonizar línguas é combinar sistemas, de modo que o resultado seja uma relação abstrata no plano discursivo” (p. 64). A harmonização, é, por conseguinte, um princípio de política linguística interna das línguas, em que cada uma ajusta suas estruturas sistêmicas diante de outra(s) para manter sua autonomia.

A elaboração de repertórios lexicográficos e terminológicos é uma atividade rotineira do Centro Lexterm. São muitos os dicionários, glossários, vocabulários e léxicos orientados como teses de doutorado, dissertações

de mestrado, monografias de cursos de especialização, pesquisas de iniciação científica e trabalhos de final de curso.

Para ilustrar essa produção dentro da temática deste artigo, relacionamos alguma produção do Centro Lexterm, cujos trabalhos focalizam a língua de sinais brasileira e o português na modalidade escrita, tendo como público-alvo, em primeiro plano, os estudantes surdos.⁶ Na relação a seguir apresentaremos o título da produção, autoria e ano, de acordo com as categorias enumeradas.

I - Teses de doutorado

- Patrícia Tuxi dos Santos. *A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. 2017.
- Cristiane Batista do Nascimento. *Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital*. 2016.
- Glaucio de Castro Júnior. *Projeto Varlibras*. 2014.
- Sandra Patrícia de Faria. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira*. Uma proposta Lexicográfica. 2009.

II - Dissertações de mestrado

- Eduardo Felipe Felten. *Glossário sistêmico bilíngue português-Libras de termos da História do Brasil*. 2016.
- Saulo Machado Mello de Sousa. *Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da Língua de Sinais Brasileira no cinema*. 2015.
- Carolina Ferreira Pego. *Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais*. Um estudo do morfema-boca. 2013.
- Charley Pereira Soares. *Demonstração da ambiguidade dos itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia*. 2013.
- Rejane Louredo Barros. *Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos*. 2013.

⁶ Todos os trabalhos foram orientados por E. Faulstich, no PPGL/LIP/IL/UnB. Ver CV: <http://lattes.cnpq.br/4443562026145510>.

- Daniela Prometi Ribeiro. *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira*: criação de sinais dos termos da música. 2013.
- José Ednilson Gomes de Souza Júnior. *Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira*. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012.
- Messias Ramos Costa. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil*: ENCICLOLIBRAS. 2012.
- Gláucio de Castro Júnior. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – foco no léxico*. 2011.
- Cristiane Batista do Nascimento. *Empréstimos linguísticos do português na Língua de Sinais Brasileira (LSB)*: línguas em contato. 2010.

III - Monografias de especialização

- Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento. *Aspectos linguísticos do estudante surdocego da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal*. 2016.
- Barbara Regina Gomes da Silva. *A produção escrita do aluno surdo na perspectiva do bilinguismo: LSB e português L2*. 2016.
- Eurípedes Rodrigues das Neves. *A educação bilíngue brasileira atende ao aluno surdo, garantindo aprendizagem da Língua Portuguesa como L2?* 2016.
- Janaína Rodrigues Theodoro. *Plano Nacional de Educação – Meta 04*. Por uma educação bilíngue. As classes bilíngues mediadas e a aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita para estudantes surdos. 2016.
- Alliny de Matos Ferraz Andrade. *Análise de excertos do vestibular da UnB para ingresso no curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua para candidato Surdo*. 2016.

IV - Programa de Iniciação Científica

- Gláucio de Castro Júnior. *Variações regionais na Língua Brasileira de Sinais*: interiorizando a prática educativa. 2008.
- Gláucio de Castro Júnior. *Psicobiologia na sala de aula*: uma mediação no ensino de português para surdos. 2007.

3. Terminologia e princípios pedagógicos

Os princípios pedagógicos da formação docente na Licenciatura LSB-PSL seguem, parcialmente, as normativas do que é exigido para uma formação inclusiva, com atendimento educacional especializado, mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua de Sinais Brasileira e da Língua Portuguesa na modalidade escrita da segunda língua, conforme a perspectiva reversa de $L1 \rightarrow L2$ e $L2 \rightarrow L1$. Assim sendo, essa formação oferece, ainda, do ponto de vista de metodologias específicas, participação em atividades que deem melhores condições de vida autônoma, de comunicação alternativa no bilinguismo LSB-PSL, por meio da adequação e da produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva, com gravações e filmagens de trabalhos bilíngues, de exercícios por meio da plataforma Moodle, e de outros eventos que dizem respeito à vida escolar cotidiana, no espaço físico universitário.

Metodologia e princípios pedagógicos estão em estreita relação de sucesso. Essa afirmação é justificada pelo caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas de aula com estudantes surdos, na acessibilidade entre instituições e consolida o ensino e a aprendizagem de estudantes da educação especial. Na relação meio-fim, recursos pedagógicos valorizam as diferenças e favorecem a promoção da aprendizagem, de modo a atender às necessidades educacionais de todos os alunos. As áreas que compõem o curso são constituídas por disciplinas que integram teoria e prática, com orientação para a formação continuada dos graduandos. Nesse espaço, projetos de formação pós-graduada a surdos e surdas frutificaram, e um deles é a criação do Núcleo VARLIBRAS, coordenado pelo prof. Gláucio de Castro Júnior. O Núcleo VARLIBRAS é formado por um grupo de professores surdos e não-surdos que desempenham atividades relacionadas à variação da Língua de Sinais no Brasil. É uma atividade diretamente relacionada às disciplinas Variação Linguística, Políticas Linguísticas e a todas às disciplinas de Gramática da LSB com resultados no léxico terminológico e provedor da Língua. No momento, o Núcleo desenvolve dois projetos de pesquisa, a saber, 1 – Inventário nacional de sinais – termo do campo do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil em Libras – acessibilidade e elaboração de léxico bilíngue (Libras-português); a meta do projeto é constituir um banco de dados com a documentação da diversidade linguística no Brasil, em Libras, e

com a finalidade de promover o estudo e o registro de sinais-termo da Libras; 2 - Acessibilidade videográfica nas campanhas do Ministério da Saúde: a Língua de Sinais Brasileira como instrumento de acesso à informação para promoção da saúde; o objetivo do projeto é a investigação das terminologias lexicais referentes à Saúde e a inserção de mecanismos de acessibilidade na Língua de Sinais Brasileira nas campanhas em vídeo do Ministério da Saúde, a partir da lógica da informação e comunicação em saúde, como perspectiva de participação social.

4. Conclusão

Neste artigo, apresentamos de maneira sucinta como se dá, na UnB, a formação de estudantes que exigem metodologia especializada e conhecimento consistente no entorno da educação especial. Todos os docentes do curso de LSB-PSL, estimulados pela coordenação⁷ e cientes de suas responsabilidades, buscam sempre métodos que se ajustem aos estudantes surdos e não surdos dentro de uma mesma sala de aula, para, com efeito, obter resultados satisfatórios de ensino e de aprendizagem. A pesquisa de médio e longo termo frutifica. Afinal, estamos atentos a novidades que assentam na busca de novos conhecimentos para a melhora da vida social, porque as línguas e as linguagens são fundamentos da cognição humana. Citamos, neste escopo, Soares (p. 35), quando, na discussão sobre ‘a questão dos métodos’ acerca da alfabetização, elucida: “[...] a resposta à questão dos métodos é plural: há respostas, não uma resposta, e a questão não se resolve com um método, mas com múltiplos métodos (ou procedimentos...), diferenciados segundo a faceta que cada um busca desenvolver...”.

Para fechar as ideias expostas neste artigo, retomamos a questão dos métodos de ensino da Terminologia em Língua de Sinais e da produção de documentos de referência – dicionários, glossários, vocabulários, entre outros – que exigem precisão linguística e de tecnologias, com método correto, desde o projeto até a programação em máquinas. A elaboração desses repertórios não deve ter como motivação a perspectiva de jogos, mas os princípios da Linguística, para que as linguagens usadas pelos surdos e surdocegos no cotidiano reflitam a constituição estrutural das línguas relacionadas em repertórios terminológicos que pretendam informar referência, conceito e uso e não

⁷ O Curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua-LSB-PSL está sob a coordenação de Enilde Faulstich, por tempo determinado pelas normas da UnB.

apenas um movimento de mãos em que o objeto transpareça sob a forma de um risco no espaço. Esse resultado não é visual, não é espacial, é um desenho no ar de algo incompreensível. Não se sustenta nos parâmetros da LSB. Não é língua de sinais.

REFERÊNCIAS

FAULSTICH, E. Harmonização entre línguas como um mecanismo de política linguística no Brasil. In: *Língua Portuguesa. Unidade na diversidade*. HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. et al. (Orgs). Lublin-Polônia: Editora da Universidade Marie Curie-Sklodowska, 2016.

Hardy-Vallée, B. *Que é um conceito?* Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.

LOBATO, L. *Linguística e ensino de línguas*. Eloisa N. Silva Pilati et al. (Orgs.) Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2015.

SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.